

**NIA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

**12**

# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

DEZ 2017

ISSN: 2183-0924

# ***A*PONTAMENTOS**

*de Arqueologia e Património*

12

DEZEMBRO

2017

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação  
Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Dezembro de 2017**

Volume: **12**

Capa: Realização de prospecção geofísica  
(Foto: António Valera)

Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:

[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.

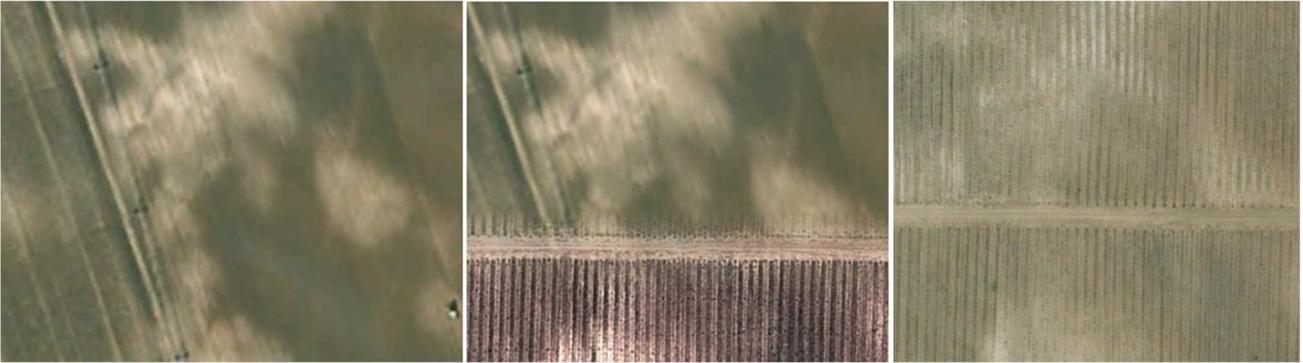
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



## ÍNDICE

EDITORIAL .....	07	Alexandre Sarrazola e Ever Calvo LARGO DA ARTILHARIA Nº 1 E 2, LISBOA: INTERVENÇÃO NO ESPAÇO DA APPI (ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA PRIMEIRA INFÂNCIA) .....	45
Tiago do Pereiro e António Carlos Valera GEOFÍSICA DE DOIS GRANDES MONUMENTOS MEGALÍTICOS INÉDITOS NO BAIXO ALENTEJO .....	09	Inês Simão, Catarina Furtado, Marina Lourenço, Lucy S. Evangelista UM OLHAR SOBRE A EVOLUÇÃO DO EXTINTO TRIBUNAL DA BOA HORA .....	49
António Carlos Valera, Marco Fernandes e Patrícia Simão OS HIPOGEUS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA QUINTA DA ABÓBADA (BEJA) .....	15	Alexandre Sarrazola ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO: <i>IURIS URBE INORDINATIONEM</i> .....	59
Nelson Cabaço A FAUNA DEPOSITADA SOB O “CAIRN 1” DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ) .....	23	António Carlos Valera DUAS DÉCADAS DE INVESTIGAÇÃO NOS PERDIGÕES: RESENHA DA BIBLIOGRAFIA PRODUZIDA .....	69
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro PEDAÇOS DE UM PASSADO COMUM: OCUPAÇÕES DO 4º E 3º MILÉNIO AC NA ZONA DO RIO SECO / BOA HORA (AJUDA, LISBOA) .....	37		



“Filme” de uma destruição

## EDITORIAL

Já no editorial de 2013 da AAP se alertava para a situação, que então começava a verificar-se, de sistemática afectação dos recintos de fossos, vítimas da “Revolução Agrícola” que tem vindo a acontecer nos últimos anos no interior alentejano.

Alqueva, uma “porra” que demorou a construir e que se revela fundamental para a economia do Alentejo (como a recente seca extrema bem demonstrou), está a ser um projecto de grande dinamização da economia agrícola alentejana, que tem inegáveis contributos para situação das finanças gerais do país e desenvolvimento social da região. O problema é que também é um projecto que tem conduzido a inequívocos custos ambientais e patrimoniais, portanto também sociais e culturais, aos quais os agentes económicos e as entidades administrativas e políticas se estão a revelar pouco sensíveis.

Nos últimos tempos, são várias as notícias de afectações ou destruições de sítios arqueológicos de diferentes naturezas e cronologias às mãos de projectos de reconversão agrícola para culturas intensivas de regadio, várias das quais implicam lavras profundas. Entre a ignorância, o diliberado “desconhecimento” e a ineficácia e impotência administrativa, o rejuvenescimento agrícola do Alentejo está a ser feito à custa de uma sistemática obliteração da memória histórica inscrita nas paisagens e nos notáveis sítios arqueológicos da região. Trata-se de uma dinâmica nos antípodas da noção de Desenvolvimento Sustentável. Pura e simplesmente não se aprende. Nem entre os agentes económicos, nem entre quem supostamente os regula.

Talvez a melhor caricatura da actual situação seja a actuação do ministro que tutela o sector da cultura (onde está integrado o Património Arqueológico e a respectiva actividade profissional): um ausente. O que está a acontecer com o património arqueológico alentejano não tem advogado na mesa do Conselho de Ministros. No terreno, seria tentado, talvez preversamente (ou não), a dizer que os processos administrativos estão deliberadamente montados de forma a desencontrar quem projecta, quem aprova e quem tem informação patrimonial. Os grandes projectos de reconversão agrícola passam pelo Ministério da Agricultura, mas não pelos Municípios ou tutela do património, onde a informação patrimonial se encontra. E se a denúncia da desfuncionalidade já ocorreu por várias vezes, não se tem visto interesse em resolver a situação. Procedimento de branqueamento da sistemática destruição, a que se junta o silêncio e indiferença da Academia, sempre distante do que se passa fora do seu *Campus*, e de uma grande maioria de profissionais do sector.

Importante património arqueológico está a ser afectado a um ritmo alucinante no Alentejo, nomeadamente onde chega a água de Alqueva. E gera-se uma grande ironia: um empreendimento que, com méritos e deméritos, tem contribuído decisivamente para uma Revolução Empírica sobre o conhecimento do nosso passado colectivo mais distante, acaba por alimentar involuntariamente, com água, uma das maiores ondas de destruição patrimonial naquele território.

*António Carlos Valera*

# PEDAÇOS DE UM PASSADO COMUM: OCUPAÇÕES DO 4º E 3º MILÉNIOS AC NA ZONA DO RIO SECO / BOA HORA (AJUDA, LISBOA)

Ana Catarina Basílio<sup>1</sup>  
Tiago do Pereiro<sup>2</sup>

## Resumo:

No âmbito de uma intervenção de diagnóstico e avaliação, foram intervencionados diversos contextos na actual freguesia da Ajuda, entre os quais foi possível identificar o que se assemelha a uma estrutura de tipo cabana e um possível derrube/muro, associados a um considerável conjunto de materiais arqueológicos pré-históricos. Estas associações permitem pensar numa cronologia Neo-Calcolítica das realidades identificadas, em relações com a paisagem antrópica contemporânea no seu entorno mais imediato (os sítios da Travessa das Dores e do Antigo Quartel do Rio Seco).

## Abstract:

### **Pieces of a common past: occupations of the 4<sup>th</sup> and 3<sup>rd</sup> millennia BC in Rio Seco / Boa Hora area (Ajuda, Lisboa)**

In the context of a diagnostic excavation, various structures were surveyed in the present area of Ajuda, among which it was possible to identify a hut-like structure and a possible wall, associated to a considerable set of materials. These associations allow us to think the Neo-Chalcolithic chronology of the realities and contexts in relations with the contemporary anthropic landscape in its immediate surroundings (like the Travessa das Dores and the former Quartel do Rio Seco).

## 1. Contextualização do sítio

O sítio da Rua dos Quartéis foi intervencionado no decorrer de 2017, no âmbito de um processo de diagnóstico e avaliação do potencial arqueológico de um terreno localizado entre a Rua dos Quartéis e a Rua Alfredo da Silva, na actual freguesia da Ajuda, em Lisboa. Esta intervenção consistiu na realização de cinco sondagens de diagnóstico, permitindo a identificação de um conjunto de contextos e estruturas de cronologia neolítico e calcolítica. Estes achados são passíveis de ser relacionados com os identificados, em 2013, na Travessa das Dores (Neto *et al.* 2015), e mais recentemente no Antigo Quartel do Rio Seco (Costa, 2017), em especial pela sua proximidade geográfica, encontrando-se estes locais separados por cerca de 150m.

As divergências a nível material, assim como o recurso a diferentes arquitecturas, permite pensar e questionar a associação directa entre estes sítios. Ainda assim, é necessário reconhecer que as evidências a nível espacial e cronológico, somando-se o facto de que as

estruturas e os contextos identificados na Rua dos Quartéis foram apenas sondados, se apresentam como argumentos fortes para considerarmos a aglutinação dos três contextos num único sítio arqueológico.

Note-se que este artigo se vai essencialmente focar numa análise mais artefactualista e comparativa entre os materiais destes sítios arqueológicos, carecendo o sítio da Rua dos Quartéis de futuras intervenções que permitam conhecer as suas arquitecturas e fases/ritmos, criando uma base empírica mais sólida e sustentada.

## 2. Localização e biografia

O sítio da Rua dos Quartéis localiza-se entre a Rua dos Quartéis e a Rua Alfredo da Silva, na actual freguesia da Ajuda, em Lisboa, numa área com um declive pouco acentuado, na margem esquerda de uma antiga ribeira – nas proximidades do Rio Seco. A nível geológico, implanta-se sobre a “Formação da Bica”, sendo esta composta por calcários do Cenomiano Superior Cretácico, mais concretamente por Calcários de Rudistas, que se apresentam mais margosos nas cotas mais elevadas, alternando, por sua vez, entre margas de tons amarelados e rosadas esbranquiçadas, com uma matriz mais silto-argilosa (Pais, 2016: 9).

<sup>1</sup> ICArEHB ([catarinabasilio@gmail.com](mailto:catarinabasilio@gmail.com))

<sup>2</sup> Era Arqueologia ([tiagopereiro@era-arqueologia.pt](mailto:tiagopereiro@era-arqueologia.pt))



Figura 1 – Localização do sítio da Rua dos Quartéis num excerto da Carta Militar de Portugal 1:25000, folha 431.

A nível biográfico, a área intervencionada foi, pelo menos entre 1807 e 1911, utilizada para fins agrícolas, não tendo sido identificadas edificações e estruturas na cartografia disponível (Pereiro e Cabaço, 2017). Esta circunstância explica o estado de conservação e preservação dos contextos arqueológicos identificados, reconhecendo-se uma afectação superficial, inerente aos trabalhos agrícolas e à respectiva construção do edificado contemporâneo. A construção dos armazéns actualmente existentes no local, ao aproveitar o aplanamento efectuado para os trabalhos agrícolas, apresenta um reduzido impacto, resultante de um pequeno nivelamento do terreno para a construção do pavimento em betão.

### 3. Contextos, materiais e cronologias

A intervenção realizada na Rua dos Quartéis consistiu na realização de sondagens de diagnóstico, cujo objectivo visava a avaliação do potencial arqueológico e eventuais contextos a afectar pelo empreendimento planeado para o terreno. Assim sendo, foram implantadas cinco sondagens dispersas pela propriedade, que perfizeram um total de 39.5m<sup>2</sup>, na tentativa de amostrar o maior número de área possível. Esta realidade permitiu, em primeira instância, detectar comportamentos e tendências diferenciadas a nível das realidades arqueológicas, podendo reconhecer-se uma concentração de estruturas e materiais nas duas sondagens da área Sudoeste da intervenção, junto à Rua Alfredo da Silva, em oposição à inexistência de contextos verificada nas sondagens localizadas mais a Norte, mais próximas da Rua dos Quartéis.

A dimensão das sondagens (5m<sup>2</sup> e 6m<sup>2</sup>) não possibilitou o completo reconhecimento das realidades intervencionadas e das suas respectivas funcionalidades e natureza. Contudo, possibilitou a identificação, no caso da sondagem 1, de um aglomerado pétreo, composto por blocos de calcário e basalto de médio/grande calibre, assente e coberto por depósitos repletos de materiais de cronologia Pré-histórica (Pereiro e Cabaço, 2017), podendo esta estrutura corresponder a um possível derrube, ou ainda a um troço de uma estrutura de tipo muro, eventualmente uma muralha semelhante às dos contextos de *habitat* da Península de Lisboa. Já na sondagem 2, foi individualizada



Figura 2 – Sondagem 1 (fotografias de Catarina Furtado).

uma estrutura semi-circular, associada a um piso de circulação e a uma estrutura de combustão e, sob esta, níveis de seixos rolados, que podem indiciar a existência de construções de tipologia indeterminada (Pereiro e Cabaço, 2017). Neste caso, ainda que a planta da estrutura semi-circular não seja integralmente conhecida, por imposição dos limites da sondagem, esta parece poder ser referente a uma estrutura de tipo cabana, contando, aparentemente, com contextos de utilização conservados no seu interior. A sondagem 3 forneceu igualmente materiais arqueológicos, ainda que estes sejam provenientes de depósitos de origem coluvionar (Pereiro e Cabaço, 2017), encontrando-se os mesmos desprovidos de informações contextuais sólidas.

As intervenções realizadas nas sondagens 1 e 2 permitiram, em suma, reconhecer que, ainda que os contextos pré-históricos se encontrem relativamente próximos da superfície, contam com um bom estado de conservação, apresentando uma forte potência arqueológica, que atinge os 0,90 cm como valor mínimo, observação realizada numa micro sondagem (Pereiro e Cabaço, 2017).

Os materiais são, aliados à tipologia e características das estruturas identificadas, o principal elemento datante da intervenção realizada na Rua dos Quartéis, sustentando uma cronologia pré-histórica, aparentemente enquadrável entre o Neolítico Final e o Calcolítico.



Figura 3 – Sondagem 2 (fotografias de Tiago do Pereiro).

Note-se, contudo, que os resultados aqui apresentados reflectem uma caracterização essencialmente baseada em categorias tipológicas e morfológicas pré-determinadas para o Neolítico e Calcolítico da Estremadura Portuguesa, quer no que toca aos artefactos líticos, quer aos recipientes cerâmicos e respectivos motivos decorativos, devendo-se esta opção metodológica ao carácter reduzido da intervenção e à dimensão do conjunto artefactual. Assim sendo, o principal objectivo no estudo da componente material passou por uma descrição genérica, aliada à procura de elementos datantes que permitam definir, de forma mais precisa, eventuais fases de ocupação, ou momentos de maior intensidade/visibilidade. Pretendemos ainda testar a correspondência entre o conjunto da Rua dos Quartéis e o conhecido para o sítio da Travessa das Dores, que se localiza a cerca de 150 metros da intervenção alvo deste trabalho.

O conjunto de materiais arqueológicos classificáveis não ultrapassa os 340 artefactos. Destes, 75% correspondem a materiais líticos, incluindo-se aqui elementos de pedra lascada e pedra afeiçãoada, representada apenas por dois fragmentos, correspondentes a um dormente e o outro a um movente.

O conjunto de pedra lascada encontra-se representado por lascas, produtos alongados, foliáceos, furadores e seixos talhados, aos quais se podem adicionar núcleos, restos de talhe, flancos de núcleo, restos indeterminados e seixos. Neste conjunto dominam, de forma geral, os restos de talhe (76), seguindo-se as lascas (em bruto ou com evidências de uso), com 36 registos. A utensilagem é maioritariamente composta por segmentos de produtos alongados (20 sobre lâmina e 7 sobre lamela), verificando-se igualmente utensílios que implicaram algum nível de transformação, como é o caso dos três furadores e dos três fragmentos de foliáceos. Recolheram-se ainda cinco seixos, dois deles com sinais de talhe, cinco núcleos (dos quais, dois piramidais), três flancos de núcleo e 33 fragmentos inclassificáveis. Quanto à matéria-prima, o sílex é dominante no conjunto, sendo utilizado em 107 dos 251 artefactos líticos (1862 gramas), atestando-se a sua relevância na presença de três nódulos de matéria prima. Segue-se o quartzito, com uma representatividade aproximada a nível de peso (1316 gramas), devendo-se sobretudo à presença de oito exemplares de indústria sobre seixo. Com uma expressão reduzida ocorrem ainda artefactos realizados em quartzito leitoso e xisto.

O número de bordos e bojos decorados é relativamente reduzido, contando apenas com 80 exemplares, dos quais 66% apresentam formas indetermináveis. Os restantes correspondem a morfologias relativamente comuns no Neolítico e Calcolítico estremenhos, tendo sido atestada a presença de taças, tigelas, recipientes de tipo esférico/globular e pratos. Sublinhamos ainda a reduzida expressão de taças carenadas (apenas dois fragmentos), pratos (dois casos) e de fragmentos decorados, cingindo-se este último grupo a oito exemplares, onde se incluem três fragmentos de bordos denteados. A nível dos motivos, a dimensão dos fragmentos em estudo dificulta a compreensão do padrão decorativo, ainda que as decorações representem, essencialmente, motivos geométricos. Foi possível, ainda assim, identificar um fragmento de Campaniforme inciso, um fragmento com uma linha pontilhada e ainda um prato de bordo espessado, com decoração na superfície interna. Existem ainda três objectos sobre calcário de morfologia sub-cilíndrica cuja natureza antrópica não é clara, podendo eventualmente ser conectados com as componentes mais ideotécnicas destes grupos. A este grupo artefactual soma-se um pequeno recipiente em mármore, fragmentado pela metade, com uma morfologia típica para este tipo de artefactos (Sousa, 2010, p. 223). Artefactos comuns noutros contextos destas cronologias na região em questão estão ausentes: conchas afeiçãoadas, artefactos em osso polido, pedra polida, ou elementos de adorno e pontas de seta.

No que concerne à cronologia relativa do conjunto de estruturas e materiais identificados no decorrer da intervenção no sítio da Rua dos Quartéis, esta resulta principalmente da conjugação entre presenças e ausências artefactuais, em combinação com os dados disponíveis para os sítios vizinhos e para os grandes sítios regionais. É de destacar, em primeira instância, a reduzida expressão de taças carenadas, o que poderia sugerir uma cronologia

essencialmente do 3º milénio a.C., numa fase plena do Calcolítico, podendo ainda adicionar-se o surgimento de fragmentos de cerâmica Campaniforme e de recipientes com morfologias já relativamente tardias (concretamente uma taça de carena baixa – Figura 5: 7). Contudo, a presença de bordos denteados parece indicar igualmente uma cronologia do Neolítico Final. Ainda assim, os restantes artefactos e tipologias parecem atestar a coexistência e contemporaneidade do sítio da Rua dos Quartéis com as ocupações do final do Neolítico e do Calcolítico a nível regional, podendo algumas das assimetrias e representatividades materiais e arquitectónicas ser justificadas por diferentes visibilidades no registo arqueológico que, no caso da intervenção da Rua dos Quartéis, parecem destacar as ocupações mais tardias, dentro do 3 milénio a.C.. Esta questão pode também encontrar resposta na materialização dos condicionalismos impostos pelas diferenças na área intervencionada e na dimensão dos conjuntos materiais, enviesando o processo comparativo.

Em suma, a ocupação da Rua dos Quartéis pode ser balizada entre o Neolítico Final e o Calcolítico, ainda que dentro deste período cronológico se possa individualizar alguns materiais indicadores de momentos mais tardios dentro do 3º milénio a.C.

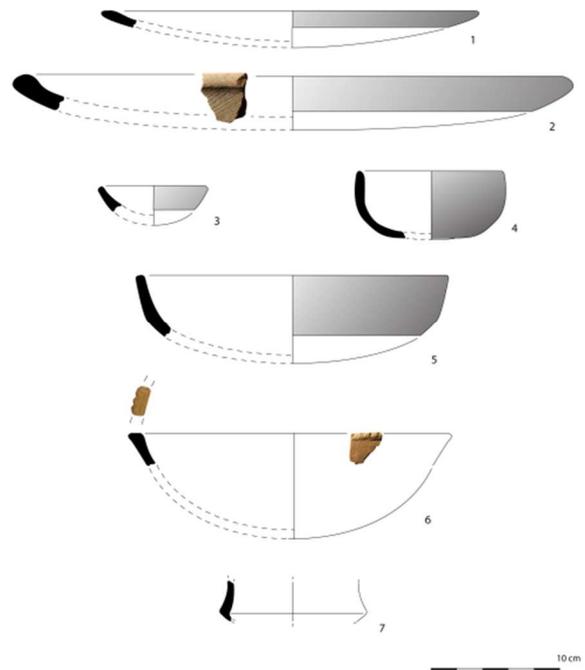


Figura 5 – Formas dos recipientes da Rua dos Quartéis.

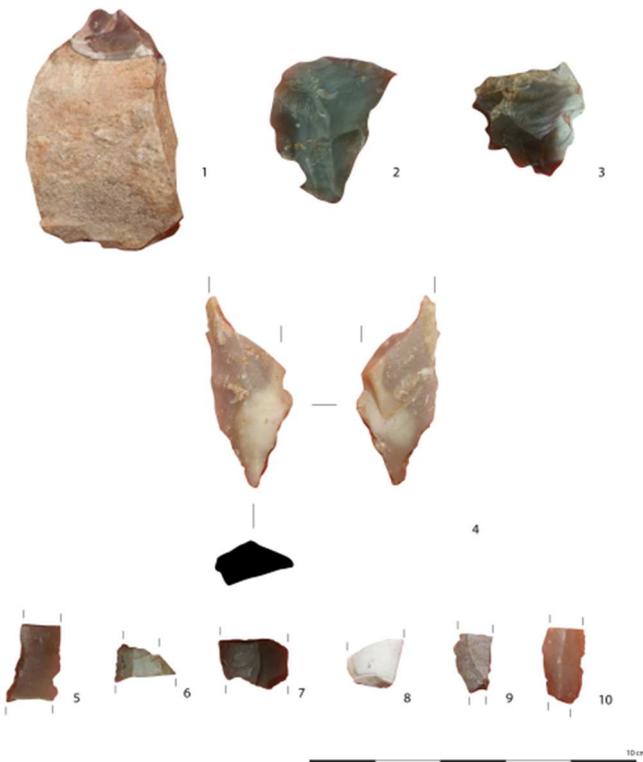


Figura 4 – Amostragem do conjunto de Pedra Lascada da Rua dos Quartéis. 1 – Nódulo; 2 e 3 – Lascas; 4 – Furador; 5 a 10 – segmentos de produtos alongados.



Figura 6 – Cerâmicas decoradas identificadas na Rua dos Quartéis. 1 – Decoração geométrica incisa; 2 – Campaniforme inciso; 3- Linha pontilhada; 4 – Decoração interior incisa.



Figura 7 – Recipiente de mármore proveniente da intervenção da Rua dos Quartéis.

#### 4. A Rua dos Quartéis no seu entorno

Compreender os contextos e os artefactos recuperados no âmbito da intervenção realizada na Rua dos Quartéis implica, após um primeiro momento de reflexão e conhecimento interno, identificar e caracterizar a paisagem natural e construída, contemporânea e imediata ao sítio. Em segundo plano, é necessário proceder ao seu enquadramento e interpretação numa área que, durante o 4º e o 3º milénio a.C., apresenta uma grande variedade de ocupações, com dinâmicas muito diversificadas.

Os contextos identificados na Rua dos Quartéis não podem deixar de ser associados, como previamente sublinhado, aos contextos que têm vindo a ser intervencionados na freguesia da Ajuda, em especial aqueles localizados entre a Calçada da Boa Hora, a Rua Aliança Operária e a Rua Diogo Cão. Nesta área, os achados atribuíveis à Pré-História Recente, têm permitido abordar a ocupação do actual território da cidade de Lisboa durante a Pré-História Recente.

A aparente coexistência dos contextos intervencionados na Travessa das Dores, no Antigo Quartel do Rio Seco e agora na Rua dos Quartéis, permite questionar a sua relação, podendo apontar-se para diferentes sítios arqueológicos autónomos, mas contemporâneos ou sequenciais, numa área inferior a 3,82 hectares, ou assumir-se a existência de um único sítio arqueológico, do qual seriam parte integrante os achados das três intervenções. Esta questão é fulcral na compreensão dos processos em curso durante o Neolítico Final e o Calcolítico nesta área concreta, verificando-se a necessidade de confrontação e articulação entre as intervenções nas diferentes áreas.

##### 4.1. Separação ou aglutinação?

No caso da Travessa das Dores, os contextos identificados apresentam características que diferem do conhecido para a região de Lisboa, com a presença de um número mínimo de 20 fossas com morfologias diferenciadas, interpretadas como silos (Neto, *et al.* 2015: 238), que antecedem a edificação de estruturas nas paredes e no interior do que foi interpretado como um fosso, escavado na substracto margoso de base. No interior deste, foram identificados níveis de ocupação que incluem a formação de pisos e de estruturas de combustão, atingindo uma cota máxima intervencionada de 2,90m de profundidade, com uma largura que varia entre os 3,70m e os 8m (Neto, *et al.* 2015). Conta com uma morfologia tendencialmente rectilínea, cortando parte de algumas das estruturas negativas mais antigas, tendo sido aparentemente construído com recurso a escalonamento, verificando-se a mesma solução no que parecem ser “degraus” que facilitam o acesso ao seu interior (Neto, *et al.* 2015). Este tipo de arquitectura (fosso escalonado com estruturas no interior) é desconhecida em território nacional, ainda que em alguns recintos de fossos se tenha registado a abertura de fossas nos seus enchimentos ou algumas estruturas de combustão. Esta última realidade encontra-se presente nos recintos dos Perdígões, no caso concreto do Fosso 1 (Márquez *et al.*, 2013) e no Fosso 6, no Fosso 2 do Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004) podendo

ainda aludir-se à presença de estruturas interpretadas como “habitacionais” no interior do fosso do recinto de Santa Vitória (Dias, 1996).

Pelo carácter ímpar da ocupação identificada na Travessa das Dores e pelo tipo de implantação e geologia identificadas, pensamos que a estrutura que tem vindo a ser interpretada como fosso pode ser repensada. Não é totalmente claro que a estrutura seja originalmente resultado de uma acção antrópica, podendo corresponder à utilização / adaptação de uma circunstância natural prévia. O tipo de substracto pode tanto originar a formação de grandes diáclases, como proporcionar canais cársicos, como ocorre no vizinho vale do Rio Seco. Ou seja, a presença de um efectivo recinto definido por um grande fosso, não sendo impossível, está ainda por demonstrar. No entanto, no que à Travessa das Dores respeita, não deixamos de estar perante uma maneira de ocupar e aproveitar o espaço existente desconhecida, até ao momento, na região, durante o 4º e 3º milénio a.C.

É igualmente questionável a interpretação imediatista do conjunto de fossas como uma “grande unidade de armazenamento comunitário” (Neto, *et al.* 2015: 273) sem que para isso sejam apresentados argumentos sólidos, assim como a existência de “fossas de armazenagem inacabadas” (Neto, *et al.* 2015: 285), sabendo-se que estas estruturas podem apresentar funcionalidades e dimensões muito diversificadas, como tem vindo a ser atestado em diversos contextos de fossas peninsulares (Bellido Blanco, 1996, Márquez Romero, 2001, Valera, 2008). Este tipo de estruturas apresentam características que não têm necessariamente de ser transversais, podendo a sua operacionalidade passar por diferentes esferas da vida social.

Esta singularidade estrutural identificada na intervenção da Travessa das Dores não se alarga aos materiais, já que foi possível verificar uma correspondência com as materialidades recuperadas na intervenção da Rua dos Quartéis, representando elementos “típicos” das cronologias avançadas para ambos. O denominador comum entre estes é a presença de bordos denteados, pratos com decoração interna e decoração de tipo folha de acácia, ainda que a segunda intervenção (Rua dos Quartéis), pelo seu carácter de diagnóstico, apresente menos material, podendo esta questão justificar uma expressão menos intensa da ocupação do Neolítico Final, materializada na reduzida representatividade das taças carenadas e de outros elementos diagnóstico. A presença de grandes conjuntos malacológicos é também uma característica partilhada, sendo o ponto discordante a identificação de artefactos em osso polido na Travessa das Dores, ausentes na Rua dos Quartéis, e a recuperação de um recipiente de mármore e possíveis fragmentos de cerâmica Campaniforme neste último sítio, inexistentes na Travessa das Dores.

Já a recente intervenção no antigo Quartel do Rio Seco (segundo os dados publicado no Jornal Expresso, de 16 de Setembro de 2017), permitiu reconhecer algumas semelhanças a nível estrutural, com a indentificação



Figura 8 – Implantação das intervenções mencionadas no texto, com indicação da possível área do sítio arqueológico..

de aglomerados pétreos que podem pertencer a um mesmo conjunto arquitectónico. Também os escassos materiais divulgados e publicitados parecem indiciar uma ocupação contemporânea entre os três sítios, ainda que as poucas informações disponíveis para o Antigo Quartel do Rio Seco não permitam balizar taxativamente as evidências materiais.

Assim sendo, as características dos contextos identificados nas diversas intervenções, parecem suportar a possível existência de um único sítio arqueológico na área do Rio Seco, indo ao encontro das características reconhecidas para a Estremadura portuguesa nesta cronologia, ainda que não se possa avançar com uma caracterização inequívoca do tipo de sítio em presença. No entanto, não podemos deixar de considerar a existência de dinâmicas sincrónicas e diacrónicas internas no sítio, passíveis de originar processos de reorganização, concentração, expansão, abandono e até descentralização das principais áreas de actividade, que podem justificar a presença e as diferentes representatividades espaciais de elementos que apontam para uma ocupação aparentemente mais tardia na Rua dos Quartéis, em oposição à Travessa das Dores, onde só foi possível caracterizar uma revisitação, da Idade do Bronze final, nos depósitos remexidos (Neto, Cardoso, 2017). O mesmo cenário foi há muito reconhecido em sítios da região, como o Castro de Leceia (Cardoso, 2010), o Penedo do Lexim (Sousa, 2010) ou o Castro do Zambujal (Kunst, 2006), ilustrando a intensa ocupação da Estremadura no período em análise, principalmente materializada pelo que tradicionalmente se designa, de forma abrangente, por povoados fortificados.

A partilha de características regionais é visível não só a nível das arquitecturas, como na identificação de possíveis estruturas habitacionais, de combustão, fossas e muros, que podem definir áreas amuralhadas, recorrendo a elementos pétreos disponíveis localmente, mas também a nível dos materiais, com presença dos elementos mais comuns e espectáveis em sítios da transição do 4º para o 3º milénio a.C., como a cerâmica, lisa e decorada, utensílios líticos foliáceos, peças em osso polido e artefactos mais raros, como recipientes de mármore/calcário.

A própria implantação dos três contextos no relevo de Lisboa, a meia encosta com uma forte ligação ao rio Tejo, consolida a sua associação, já sugerida pelos dados arqueológicos e pelas arquitecturas, verificando-se o desenvolvimento deste hipotético sítio arqueológico numa zona onde confluem antigas ribeiras, sendo a mais importante a do Rio Seco. Estes cursos de água desembocam directamente no rio Tejo, o qual à data teria a sua margem muito aproximada do sítio, situação geográfica concreta que é desconhecida para outros contextos da época, e na região, com estruturas delimitadoras. Este posicionamento e as arquitecturas presentes no sítio poderiam relacionar-se com estratégias específicas de ocupação do território, desenvolvidas no âmbito de uma rede local/regional de povoamento. Podemos ainda adicionar, como uma das valências que pode ter influenciado a implantação do sítio, a presença de cavidades cársicas, que acentuam a habitabilidade (para vivos e/ou para mortos) e os recursos disponíveis na área envolvente ao Rio Seco, dotando-o de características únicas.

## 5. Uma paisagem pré-histórica

Numa análise mais regional, as comparações encontram-se principalmente relacionadas com paralelismos materiais, reconhecendo que as informações disponíveis são parcas e não permitem caracterizar solidamente o tipo de sítio que aqui tratamos. Assim sendo, destaca-se, em primeira instância, o sítio de Montes Claros, que conta com uma forte ocupação do Neolítico Final, assim como com uma presença Campaniforme ímpar (Jalhay et al., 1944; Cardoso e Carreira, 1995). Desenvolve-se no topo de Monsanto, atingindo aproximadamente os 160 m, contrastando com a implantação dos sítios na Ajuda, com aproximadamente 38m de altura. A nível de materiais, tal como verificado nos sítios vizinhos, verifica-se uma correspondência genérica nos tipos e morfologia identificadas, quer a nível cerâmico, como a nível dos artefactos líticos. Também a presença de exemplares com motivos decorativos Campaniformes incisos relaciona a Rua dos Quartéis ao sítio de Montes Claros, podendo conjecturar-se uma possível ligação entre ambos, dada a proximidade espacial e cronológica.

Acrescem outras intervenções pontuais, resultantes de trabalhos desenvolvidos ao longo do século XX em diversas áreas da Freguesia da Ajuda, permitiram recuperar vestígios de cronologia Pré-Histórica, ainda que estes se reportem principalmente a achados isolados, sem contexto arqueológico caracterizados de forma sistemática e sólida. Como outros sítios identificados, com uma implantação que deixa compreender claras relações com o Tejo, podem ser apontados, como o caso da Junqueira (Vaultier e Zbyszewski, 1947; Leitão, et al., 2017, p. 168) e ainda a Cerca dos Jerónimos (Correia, 1913; Leitão, et al., 2017, p. 168).

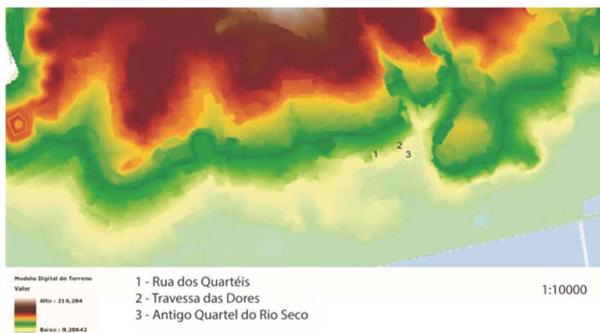


Figura 9 – Implantação das intervenções mencionadas no texto, em relação com o relevo (<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>).

## 6. Alguns apontamentos...

Em suma, o cariz de diagnóstico da intervenção realizada na Rua dos Quartéis, assim como a dimensão do conjunto de materiais recolhida, não permite compreender ou avançar com a caracterização precisa sobre uma teórica funcionalidade do sítio e dos contextos identificados. Ainda assim, o balizamento cronológico avançado, entre o Neolítico final e o Calcolítico Final, parece-nos sustentado

não só pelos materiais, como pelas intervenções adjacentes (Travessa das Dores e Antigo Quartel do Rio Seco). Estas podem, no nosso entender, ser agrupadas num único possível sítio arqueológico, ainda que não possamos nomear o tipo de ocupação identificada, ou os correspondentes limites, evitando incorrer em interpretações precipitadas e baseadas em considerações pouco sustentadas pelo registo arqueológico. Podemos, contudo, afirmar que os sítios arqueológicos estremenhos tendem a apresentar-se como dinâmicos a nível de ocupação, podendo sofrer processos de abrandamento, expansão e descentralização, que podem justificar a incidência e a maior visibilidade de determinadas cronologias, em áreas/intervenções concretas.

Se a imagem já obtida em todas estas intervenções nos parece remeter para um importante (e grande) sítio arqueológico da Pré-História Recente, os dados disponíveis são ainda frágeis e muito parcelares, sustentando mais hipóteses do que interpretações bem fundamentadas. Daqui decorre que várias das ideias agora apresentadas, devem ser confirmadas, relacionadas e confrontadas com dados que possam advir de novas intervenções e respectivas publicações, que abordem o sítio de forma integrada, não caindo no erro de o tratar de forma fragmentada e desassociada.

## Referências Bibliográficas

- BELLIDO BLANCO, Antonio, (1996), *Los campos de hoyos. Inicio de la economía agrícola en la submeseta norte*, Studia Archaeologica, 85, Valladolid, Universidad de Valladolid.
- CARDOSO, J. L. (2010), Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas, *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional* (Cascais, 2005), 43-63.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1995), O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa): Resultados das escavações de 1988. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5: 277-298.
- CORREIA, V. (1913), *Lisboa prehistorica. III A estação da Cerca dos Jerónimos*, Lisboa, Imprensa Progresso.
- COSTA, F. (2017), Obras da Misericórdia destapam povoação com cinco mil anos, *Jornal Expresso*, 16 de Setembro de 2017, Impresso.
- DIAS, A.C. (1996), *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. DO; RIBEIRO, L. (1994), Estação pré-histórica de Montes Claros – Monsanto, Câmara Municipal de Lisboa, *Revista Municipal*, 20/21: 17-28.
- KUNST, M. (2006), Zambujal and the Enclosures of the Iberian Peninsula, (HARDING, A. SIEVERS, S.; VENCLOVÁ, N. ed.), *Enclosing the past: inside and outside in prehistory*. Sheffield: J. R. Collis, (Sheffield Archaeological Monographs. 15): 76-96.
- LEITÃO, E.; DIDELET, C.; CARDOSO, G. (2017), Análise espacial da área do município de Lisboa durante a Pré-História Recente. *SCIENTIA ANTIQUITATIS*, 1: 155-176.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2001), De los campos de silos a los agujeros negros: sobre fosas, depósitos y zanjas en la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica, *Spal*, 10: 207-220.

- MÁRQUEZ, J.E.; MATA VIVAR, E.; JIMÉNEZ JÁIMEZ, V.; SUÁREZ PADILLA, J. (2013), Dataciones absolutas para el foso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Reflexiones sobre su cronología y temporalidade, *Spal*, 22: 17-27.
- NETO, N.; CARDOSO, J.L. (2017), O sítio Neo-Calcolítico da Travessa das Dores (Ajuda-Lisboa), *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, 25-36.
- NETO, N.; REBELO, P.; CARDOSO, J. L. (2015), O povoado do Neolítico Final e do Calcolítico da Travessa das Dores (Ajuda - Lisboa), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 22: 235-280.
- PAIS, J. et al. (2006), *Notícia explicativa da folha 34*, Lisboa, Instituto Nacional de Engenharia Tecnologia e Inovação. Lisboa, 14.
- PEREIRO, T. do; CABAÇO, N. (2017), Relatório: *Pedido de informação Prévio (PIP) para o projecto de urbanização do espaço central do quarterão delimitado pela Rua dos Quarteis, Rua Alfredo da Silva e Calçada da Boa Hora, Freguesia da Ajuda, Lisboa*. Projecto nº 1711.17. ERA Arqueologia S.A.
- SOUSA, A.C. (2010), *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de doutoramento em História com especialidade em Pré-História entregue à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VALERA, A.C. (2008), O recinto calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do Sector I, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3:19-27.
- VALERA, A.C.; FILIPE, I. (2004), O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), *Era Arqueologia*, 6: 28-61.
- VAULTIER, M.; ZBYSZEWSKI, G. (1947) – *Estação Pré-histórica da Junqueira. Lisboa e o seu termo. Estudos e documentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1. p.11-33.

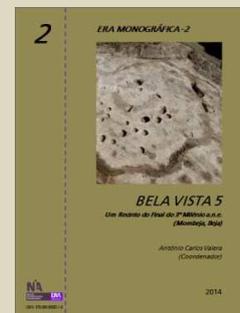
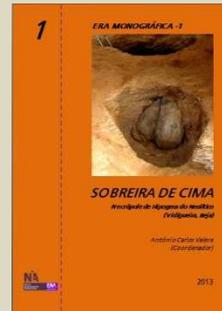
# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

## Série ERA Monográfica

Dois volumes publicados

## Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



## Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva



“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.



ERA Arqueologia S.A.  
Calçada de Santa Catarina, 9C  
1495-705 Cruz Quebrada  
- Dafundo

[www.era-arqueologia.pt](http://www.era-arqueologia.pt)  
[geral@era-arqueologia.pt](mailto:geral@era-arqueologia.pt)  
[nia@era-arqueologia.pt](mailto:nia@era-arqueologia.pt)